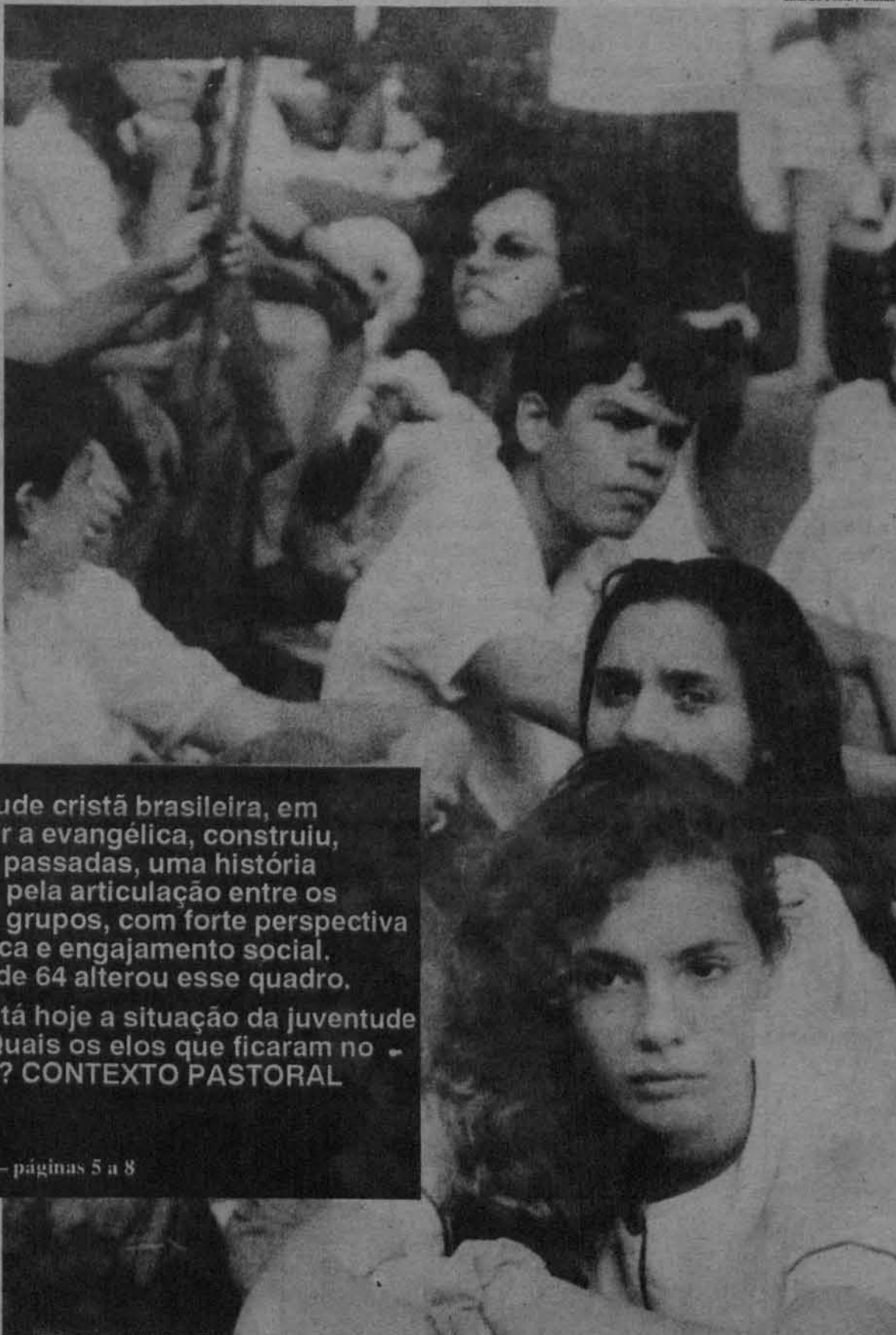


## JUVENTUDE: PASSADO E PRESENTE

Eraldo Platz / Ênfase



A juventude cristã brasileira, em particular a evangélica, construiu, décadas passadas, uma história marcada pela articulação entre os diversos grupos, com forte perspectiva ecumênica e engajamento social. O golpe de 64 alterou esse quadro.

Como está hoje a situação da juventude cristã? Quais os elos que ficaram no passado? CONTEXTO PASTORAL analisa.

ANÁLISE — páginas 5 a 8

### ECO 92

As igrejas também se pronunciaram em relação às questões do meio ambiente que agitaram o Rio de Janeiro na primeira quinzena de junho. Saiba sobre o Encontro Ecumênico Internacional ECO 92.

REPORTAGEM — página 11

### DEBATE

CONTEXTO PASTORAL publica neste número o segundo suplemento DEBATE, em comemoração aos trinta anos da Conferência do Nordeste. DEBATE resgata a lembrança desse importante evento da história dos evangélicos brasileiros. São depoimentos e análises que levam primórdios e grandeza da Confederação Evangélica do Brasil.

### CLADE III

Aproxima-se o III Congresso Latino-Americano de Evangelização que pretende reunir, a exemplo dos anteriores, evangélicos de todo o continente. Valdir Steuernagel, presidente da comissão coordenadora do evento, fala a CONTEXTO PASTORAL sobre os preparativos.

ENTREVISTA — página 3

### LEIA MAIS

EDITORIAL e CARTAS — página 2

NOTAS — página 4

BÍBLIA — página 9

Justiça do pobre: critério da nova sociedade  
Ely Éser Barreto César

REPORTAGEM — página 10  
Anglicanos: solidariedade com as mulheres

DOCUMENTO — página 12

Pena de Vida (manifesto da AEvB)

## Senhor, radicalizai nossos sonhos!

*As conversas "mais velhas" sobre juventude, não raras vezes, lembram casos de filhos que seguiram rumos opostos aos esperados por seus pais. São os generais de filhos hippies; os hippies de filhos bancários... Enfim, a juventude com sua irreverência radicalizando mensagens escondidas. Aquelas que muitos não confessaram, mas sonharam no íntimo do lar ou com a cabeça no travesseiro: talvez aqueles que o Senhor sabe antes que se explicitem.*

CONTEXTU PASTORAL revela, neste número, por intermédio da história, sonhos mais e menos revelados e materializados: da juventude nos anos de 1960, 70 e 80; da unidade visível dos cristãos e da atualidade pela paz e justiça.

Mais do que um balanço sobre o tema das juventudes cristãs ontem e hoje, o importante é investir na síntese que os jovens hoje vêm realizando ou conseguem realizar daquilo que se tentou explicitar: com depoimentos, análises críticas e abordagens perspectivas.

Pela unidade visível dos cristãos sonhada ao longo de tantos anos, passos foram e continuam sendo dados. É o exemplo que se aproxima do Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (Clade III), abordado na entrevista com o pastor Valdir Steuernagel, coordenador da comissão organizadora do evento.

Outro exemplo vem de um passado de trinta anos: a Conferência do Nordeste (1962), promovida pela então Confederação Evangélica do Brasil (CEB). O segundo suplemento DEBATES recupera a memória desse evento e da Confederação, como grandes expressões para o movimento em prol da unidade evangélica e da encarnação na realidade brasileira. Apesar do golpe histórico que se abateu sobre aquele movimento, muitas pessoas e iniciativas tornaram-se herdeiros e se fazem representar ainda hoje.

O cuidado com as novidades é garantido pelo compromisso histórico. Neste viés situa-se para os cristãos a questão do meio ambiente — visto a partir de anos de compromisso com a justiça e a pluralidade autônoma dos povos. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento teve um acompanhamento paralelo em reunião promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas, Conselho Latino-Americano de Igrejas, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Nova Iguaçu/RJ, 1 a 7 de junho), além de vários observadores convidados entre grupos e cristãos pela paz e justiça.

Ao passar por uma crítica musical aqui, um depoimento ali, novas propostas e um suplemento acolá... que se reproduzam ecos de um compromisso novo, entre as mensagens e as diversas sínteses que a leitura-vida possa gerar.

## CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL — CEBEP  
Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073 — Campinas/SP  
ou para CONTEXTO PASTORAL — CEDI  
Rua Santo Amaro, 129 — 22211 — Rio de Janeiro/RJ

O jornal CONTEXTO PASTORAL (...), sem dúvida alguma, impõe-se à consideração dos líderes evangélicos da atualidade, que, em geral, estão laborando apática e lerdamente, ante a realidade conjuntural do evangelismo brasileiro.

De fato, as igrejas denominacionais não estão se apercebendo de que precisam exercitar reacionariamente o poder real do cristianismo para "mudar a realidade" do contexto pastoral da nossa época (...).

**Rev. Salustiano Pereira Cesar**

Secretário da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil  
Rio de Janeiro/RJ

Temos recebido, seguidamente, o jornal CONTEXTO PASTORAL. Sua leitura tem sido apreciada. O periódico é muito precioso.

Queremos, na oportunidade, agradecer a remessa, rogando a Deus que os abençoe suficientemente.

**Oswaldo de Pinho Monteiro**

Igreja Presbiteriana de Vila Leopoldina  
São Paulo/SP

Muito grato pelo envio sistemático deste importante jornal na caminhada missionária da Igreja. Na verdade, é um instrumento precioso, tendo-se em vista a riqueza de textos, reportagens e, sobretudo, recursos ministeriais para melhor servir a Causa do Reino de Deus.

Portanto, a minha palavra de carinho e encorajamento para todos vocês. "Venha Teu Reino".

**Bispo Adriel de Souza Maia**

Presidente do Colégio Episcopal da Igreja Metodista  
Belo Horizonte/MG

Recebi exemplar de CONTEXTO PASTORAL nº 6 (publicação que não conhecia e me pareceu excelente, como tudo o que vocês fazem) dedicado à comemoração dos 25 anos da Conferência de Genebra.

Eu, que sou propenso a recordar aniversários deste tipo, sem dúvida por haver estado em julho no Rio da Prata, este me passou por completo. Chamou-me a atenção que não se tivesse mencionado este assunto na revista *One World*, a qual recebo desde o primeiro número (...).

As três contribuições que vocês publicaram são magníficas, especialmente a de Jether Ramalho e o fato dele ter tido a boa idéia de dedicar o texto em memória do inesquecível Maurício.

Com relação à situação atual, me impressionou o final do artigo de Paul Abrecht, por coincidir com uma das minhas principais preocupações quanto à resposta da Igreja em geral aos novos tempos tão desafiantes e trágicos que enfrenta nosso mundo (...).

**Luiz Odell**

Barcelona/Espanha



CONTEXTU PASTORAL

Publicação bimestral do  
Centro Evangélico  
Brasileiro de Estudos  
Pastorais — CEBEP  
(Rua Rosa de Gusmão, 543  
— 13073, Campinas/SP. Tel.  
e fax 0192-41-1459) e do  
Centro Ecumênico de  
Documentação e  
Informação — CEDI  
(Rua Santo Amaro, 129 —  
22211, Rio de Janeiro/RJ.  
Tel. 021-224-6713 e  
fax 021-242-8847)

### Editores

Luiz Carlos Ramos  
Magali do Nascimento Cunha

### Editores assistentes

Carlos Cunha  
Paulo Roberto Salles Garcia

### Jornalista responsável

Paulo Roberto Salles Garcia  
(Mtb 18.481)

### Diagramação e arte-final

Anita Slade

### Fotolito e impressão

Tribuna da Imprensa

### Conselho editorial

José Bittencourt Filho  
Marcos Alves da Silva  
Paulo Roberto Rodrigues  
Rafael Soares de Oliveira

### Tiragem

11 mil exemplares

### Preço do exemplar avulso

Cr\$ 2.000,00

### Assinatura anual

Cr\$ 20.000,00

### Assinatura de apoio

Cr\$ 23.000,00

### Exterior

US\$ 15,00

Os artigos assinados  
necessariamente não  
refletem a opinião do jornal.

## Igreja Comunidade Litúrgica

### XII SEMANA DE ATUALIZAÇÃO TEOLÓGICA

CEBEP  
6 a 9 de agosto de 1992  
Campinas

### ASSESSORES

Julio Zabatiero  
Paulo Nogueira  
Carlos Alberto R. Alves  
Rubem Alves

Inscrições pelo telefone 0192-411459

# TUDO O EVANGELHO PARA TODOS OS POVOS

Entrevista com Valdir Steuernagel

De 24 de agosto a 5 de setembro, aproximadamente mil pessoas estarão reunidas em Quito (Equador) para o Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização. Na pauta está a busca da unidade visível da Igreja, estandarte do movimento evangelical. Valdir Steuernagel, presidente da comissão coordenadora do congresso, fala a CONTEXTO PASTORAL sobre o evento e o seu significado no contexto dos 500 anos de evangelização na América Latina.

## O que é Clade?

Há, na história do protestantismo latino-americano, pelo menos duas grandes vertentes ecumênicas. Uma, digamos, tende para o institucional e o formal. Quer representar igrejas e instituições estabelecidas e se reúne, na América Latina, em torno do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). A outra vertente, informal, reúne pessoas em torno de uma agenda que considera prioritária. O Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (Clade III) se insere dentro desta vertente e se integra numa tradição que, desde Clade I (Bogotá/1969), privilegia a evangelização como uma das marcas centrais na vida da Igreja. Desde os primórdios Clade tem afirmado sua identidade evangélica, o compromisso com uma missão que seja integral e a clara cor e cheiro latino-americano.

## O que se espera do Clade III?

Acontecendo em 1992, Clade III evoca uma série de símbolos e expectativas. Em primeiro lugar, é necessário repensar a evangelização quando se lembram os 500 anos da chegada do cristianismo às praias latino-americanas. Da evangelização que tivemos e passando pela evangelização que temos é necessário pensar a evangelização que queremos.

Não apenas o ano de 1992 é carregado de símbolos. A própria década também o é. A meta e a síndrome do ano 2000, com a respectiva irrupção de um novo milênio, estão desencadeando um intenso processo de planejamento quanto à tarefa evangelizadora da Igreja. Inúmeros planos e slogans, que buscam focalizar a evangelização rumo ao ano 2000, estão a povoar a agenda de importantes setores da Igreja. É preciso que esta euforia seja

avaliada com esmero, e esperamos que Clade III possa ser um parceiro de diálogo responsável neste processo.

E, não por último, Clade III quer destacar e refletir acerca do verdadeiro movimento missionário que está mobilizando inúmeras igrejas do Terceiro Mundo. A América Latina, enfim, acorda para a sua responsabilidade missionária que é, por natureza, de caráter universal. É por isso que o tema de Clade diz "Todo o Evangelho para todos os povos da América Latina".

## Fale-nos dos principais objetivos que norteiam o Clade III.

Os objetivos de Clade III foram delineados em quatro aspectos principais: lembrar o acontecimento histórico de 1492 e seus efeitos, compreendendo-os e avaliando-os sob uma perspectiva evangélica; reconhecer o crescente dinamismo missionário e evangelizador das igrejas evangélicas na América Latina, em suas diversas manifestações, tornando-o objeto de reflexão teológica e crítica, à luz da Palavra de Deus; tomar consciência do desafio do momento atual na América Latina, convulsionada por uma profunda crise em todos os aspectos, a qual, tornando-se mais aguda nos últimos anos, tem afastado as igrejas e os povos; e contribuir para a fomentação da unidade do povo de Deus mediante um intercâmbio de experiências que permita o surgimento de novas formas de colaboração para responder ao imperativo missionário do Evangelho num mundo de mudanças.



## E os principais temas a serem abordados?

O tema do Clade III reflete o conteúdo e a própria dinâmica a ser seguida pelo congresso. Há neste uma decisiva conotação missiológica e uma clara indicação para três tipos de compromissos básicos: com o Evangelho, com o caráter universal dele e com a América Latina, nosso local histórico de encarnação e vocação. O evento terá, assim, uma concentração teológica — "todo o Evangelho" —, um enfoque missiológico — "para todos os povos" — e uma dimensão socioeconômica, política e cultural — "da América Latina".

Enquanto as três ênfases acima vão dar a estrutura básica do congresso, o programa obedecerá a uma dinâmica que quer ser participativa e integradora.

Queremos que Clade seja um evento de celebração e oração. Toda a dimensão litúrgica está sendo preparada de tal forma que possa estar em sintonia com as ênfases do programa, com as variadas expressões de louvor presentes no Corpo de Cristo no Continente e leve os participantes a uma espiritualidade que saiba integrar contemplação e encarnação. A oração é reconhecida por nós como sendo de fundamental importância e, por isso, uma rede de intercessão, por vários países da América Latina.

Nós queremos ser plataforma e, dessa maneira, possibilitar encontro, gerar espaço para compartilhar experiências, caminhada na reflexão e para levantar perguntas que, por sua vez, querem ser objeto de encontro, reflexão e oração.

## Há expectativa em relação à delegação brasileira?

Como é natural, a delegação brasileira deverá ser uma das maiores. Por um lado, tal participação representa a continuidade de uma caminhada interna. É interes-

sante notar que a semente para o Congresso Brasileiro de Evangelização (Belo Horizonte, 1983) foi plantada por ocasião de Clade II (Peru, 1970). Há uma sintonia muito próxima entre a agenda de Clade III e a caminhada missiológica que no Brasil tem sido abraçada, entre outros, pela Fraternidade Teológica Latino-Americana/Brasil e setores significativos da Associação Evangélica Brasileira.

Por outro lado, é importante que os brasileiros caminhem rumo a uma maior integração latino-americana. Por vezes essa convivência é tensa mas o caminho do isolamento não é nem recomendável nem saudável. Por isso esperamos que a delegação brasileira venha a enriquecer o colorido de Clade III e tenha, ao mesmo tempo, a sua identidade e peculiaridade reconhecidas, respeitadas e valorizadas.

E não se pode deixar de mencionar que Clade III também virá a se constituir numa plataforma de encontro de brasileiros com brasileiros. E é no encontro que se cresce.

## E sobre os participantes e os setores eclesiais que estarão representados?

A intenção da Fraternidade Teológica Latino-Americana, que promove Clade III, é que ele se constitua numa ampla plataforma de encontro, celebração, reflexão e compromisso para todo o povo evangélico na América Latina. Como símbolo dessa intenção eu citaria, como exemplo, a mesa-redonda acerca da unidade da Igreja, no programa de Clade III, que será ocupada pelos presidentes do Clai e do Conela.

O quadro-alvo de participantes com o qual se está trabalhando é o seguinte: 35% de leigos, 35% de pastores, 10% de estudantes de seminários, 5% de professores e representação de instituições teológicas, 10% de missionários e líderes de ministérios paraeclesiais e 5% de observadores e imprensa. Além disso se espera que 30% sejam mulheres e 60% sejam de 20 a 45 anos. Espera-se ainda uma significativa representação de indígenas que estão organizando um congresso como um evento pré-Clade.

## IGREJA LUTERANA DE NOVA FRIBURGO — 168 ANOS

No dia 3 de maio de 1824 chegaram a Nova Friburgo/RJ 334 agricultores protestantes. Vinham de Kirnbecherbach, Alemanha, acompanhados pelo pastor Friederich Oswald Sauerbronn. Inicialmente se destinavam à Bahia, entretanto foram deslocados a fim de socorrer a colônia suíça em decadência e que se instalara naquela cidade fluminense desde 1820. Cabe lembrar o fato de que os suíços que vieram para Nova Friburgo procediam do Cantão de Friburgo (em alemão, Freiburg). Os agricultores foram contratados na Alemanha em 1923. A data de chegada é também considerada a data da fundação da Igreja.

O pastor Sauerbronn, mesmo residindo distante de Nova Friburgo (cerca de cinco horas), pastoreou a Comunidade por trinta e nove anos.

O pastor J. E. Schlupp (de 1937 a 1979) relata como foram os primeiros anos da Igreja assim:

*Os cultos realizaram-se inicialmente ao ar livre na confluência dos rios Santo Antônio e Cônego, onde os imigrantes acamparam durante meses, aguardando os seus lotes. Em 1827 construíram o seu primeiro templo no mesmo lugar, a então 'Praça do Pelourinho', mas as autoridades locais mandaram demolir o mesmo. Somente em 1857 foi possível construir uma igreja perto do local anterior ... [hoje] Praça Marçílio Dias.*

Fonte: Reily, Duncan A. *História Documental do Protestantismo Brasileiro*, ASTE, pp 38,39

## Xerém Urgente

"Apoio, valorização, reabilitação e libertação de qualquer pessoa dependente ou usuária de qualquer tipo de droga", é um dos objetivos do *Projeto Xerém Urgente* — uma iniciativa de um grupo de evangélicos de Xerém (4º distrito do município de Duque de Caxias/RJ).

O projeto pretende, além do apoio espiritual aos drogados, possibilitar a reintegração deles na sociedade e abrir espaço na comunidade para conscientização e compromisso no combate às drogas.

O projeto atua em três áreas: apoio e valorização humana; apoio social; reflexão e capacitação. No mês de março foi lançado o jornal *Projeto Xerém Urgente* que visa o envolvimento da comunidade com o projeto. Maiores informações pelo telefone (021)779-1932.

## CEBs do Nordeste buscam articulação

Com a presença de representantes de todas as dioceses dos cinco regionais do Nordeste foi realizado o Encontro das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica no Nordeste (Juazeiro/BA, 26-29/3/92).

O encontro reuniu 170 pessoas, com a participação de quatro bispos católicos. O principal objetivo do evento foi o aprofundamento da temática do 8º Intereclesial de CEBs, que acontecerá em setembro — *Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas*.

Nas reflexões foi destacada a necessidade de resgatar a dimensão humana na prática social, recuperando a dimensão pessoal e interpessoal das relações.

As novidades ficaram por conta de uma ênfase em torno da pluralidade cultural e religiosa. Destacou-se a necessidade da pastoral popular aprofundar as

questões referentes ao respeito pelos diferentes modos de ser na sociedade, como um "não" aos totalitarismos e dogmatismos.

## Conic tem novo secretário executivo



O pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana Ervino Schmidt é o novo secretário executivo do Conic. Schmidt substituiu Emil Sobottka, que deixou o trabalho para se dedicar a um período de estudos.

A sede do Conic fica à R. Senhor dos Passos, 202 — 90020 — Porto Alegre/RS. Telefone: (051)-224-5724. Fax: (051) 228-8829.

## Clai e Conic promovem encontro sobre os 500 anos

Os 500 anos de dominação da América Latina foram tema do encontro promovido pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai-Região Brasil) em conjunto com o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) em Porto Alegre (4-5/4/92).

O encontro reuniu 20 representantes de igrejas e entidades de serviço do sul do País.

Este foi o primeiro de uma série de encontros regionais preparatórios para o encontro nacional que acontecerá em julho e o latino-americano em agosto.

O Clai e o Conic pretendem, com estas reuniões, levar as igrejas no Brasil a uma posição

ecumênica quanto aos positivos e negativos do processo de colonização do Continente.

O painel de aprofundamento contou com as exposições sobre *Comunicação e os 500 anos; Racismo e os 500 anos; Evangelização e os 500 anos*.

O documento final — fruto dos debates e da troca de experiências — destaca "expressões da realidade que desafiam eticamente a interação ecumênica crítica aos 500 anos de dominação branca no Continente" como: movimento negro, associações indígenas, grupos de mulheres, Comunidades Eclesiais de Base, articulações de educadores.

Dentre as propostas: que o Clai e o Conic enfatizem as questões e a participação de mulheres, negros, indígenas; que promovam espaço para as culturas oprimidas nas celebrações; que enfatizem a questão agrária; que elaborem reflexões críticas sobre os 500 anos e abram espaços nos meios de comunicação para divulgação dos conteúdos.

## "Teologia Africana, uma introdução"

Este é o título do livro publicado pela Editeo (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista). O livro oferece a oportunidade de se conhecer, pela primeira vez em português, o pensamento sul-africano sobre Deus, apresentado pelo teólogo Gabriel Setiloane, professor na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul.

O objetivo do autor é apresentar os "mistérios do seu povo", mostrando sobretudo aos jovens que "não precisam ter vergonha de suas origens" e que foi a "consciência de Deus e o temperamento

religioso do povo que tornaram possível a evangelização da África e que fornecem uma base para ela".

## Luteranos investem no trabalho com deficientes

A partir de uma consulta realizada em 1991 sobre "Igreja e Pessoa Portadora de Deficiência (PPD)" que reuniu 80 pessoas de todo o Brasil, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) estabeleceu prioridades que fundamentam uma política da igreja com relação à PPD a fim de que haja um acompanhamento pastoral adequado.

Informações sobre este trabalho podem ser solicitadas ao pastor Arno Glitz: Caixa Postal 4172 — CEP 82501 — Curitiba/PR.

## Evangélicos a caminho do 8º Intereclesial de CEBs

Representantes das igrejas Metodista e Evangélica de Confissão Luterana, da Pastoral Popular Luterana, do Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria (Ceca) e do Centro Ecumênico de Cultura Negra, estiveram reunidos no dia 26 de março para discutir a participação dos evangélicos da região Sul no 8º Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (Santa Maria/RS, 8 a 12 de setembro de 1992).

O encontro teve como objetivo o apoio ao espírito ecumênico do 8º Intereclesial por meio de informações, diálogo e discussões com as igrejas evangélicas sobre o Intereclesial, seus objetivos e temário.

O encontro contou com a participação do secretário executivo do Intereclesial frei Egídio

Fiorotti e do pastor luterano de Santa Maria Marcos Berchert que fizeram exposições sobre o evento e a participação dos evangélicos. Foi resgatada a memória do 7º Encontro por meio do vídeo produzido pelo CEDI — *Os evangélicos no VII Intereclesial de CEBs* — e de depoimentos de participantes.

Os evangélicos do estado do Rio de Janeiro também estiveram reunidos no dia 9 de maio em Duque de Caxias/RJ para discutir a participação no 8º Intereclesial e eleger delegados.

Maiores informações sobre a participação dos evangélicos no encontro das CEBs: pastor Claudio Ribeiro (Comissão Nacional Ampliada de CEBs) — R. Barão do Triunfo, 343/402 — 25070 — Duque de Caxias/RJ. Tel. 021-224-6713. Pastor Marcos Berchert (Secretariado Local) — Caixa Postal 1581 — 97015 — Santa Maria/RS. Tel. 055-221-3842.

## Fé bíblica e crise brasileira

O Brasil enfrenta nos anos de 1990 uma crise social sem precedentes e é atingido por uma onda de misticismo. As igrejas evangélicas passam por um espantoso crescimento com a oportunidade inédita de influenciar os rumos do País. Ao mesmo tempo, a comunidade evangélica brasileira não tem consciência de um projeto histórico e experimenta grandes carências teológicas, éticas e pastorais.

Essas são algumas das idéias desenvolvidas por Paul Freston no livro *Fé bíblica e crise brasileira*, lançado em maio pela ABU Editora.

Paulo Freston une a sociologia com a teologia e as disciplinas da espiritualidade cristã, e propõe caminhos para os seguidores da fé bíblica neste momento de oportunidade e perigo.

500 AÑOS

Presencia Cristiana en América Latina y el Caribe

## UMA IGREJA QUE NASCEU DO FOGO

Entre as máquinas e as minas de carvão da Inglaterra do século XVIII surgiu o Movimento Metodista. A industrialização trazia enriquecimento de alguns e grande empobrecimento e exploração do povo trabalhador. A Igreja estava lá, omissa, com seus templos e pastores, entre eles *John Wesley*. Ele tinha grande consciência dos problemas sociais de sua época. Sua vida era de muita angústia, na medida em que olhava o mundo, a Igreja e o seu próprio esforço em transformá-los. Sentia que algo lhe faltava.

O dia 24 de maio de 1738 mudou a história. Nesse dia, John Wesley estava desanimado mas, mesmo assim, foi a uma reunião de oração. Lá, ao ouvir a leitura da reflexão de Lutero sobre o livro aos Romanos, sentiu o seu coração *estranhamente aquecido*. Percebeu que Deus não olhava para os seus erros mas, gratuitamente, assegurava-lhe felicidade plena, salvação.

Wesley, com isso, deu novo impulso à sua vida. Passou a trabalhar, junto ao povo, pregando nas minas de carvão, repartindo serviço, amor e fé. Wesley foi proibido de pregar nos templos anglicanos mas, juntamente com o grupo que o acompanhava, passou a usar como púlpito as portas das fábricas e das minas de carvão, anunciando uma mensagem de despertamento espiritual profundamente enraizada nas preocupações sociais de sua época. Wesley atacou com vigor a escravidão na Inglaterra e na América do Norte, propondo uma legislação que pusesse fim ao que considerou uma "execrável vilania" e a "mais vil coisa que o sol já viu".

A experiência de John Wesley, é uma data símbolo do Movimento Metodista, que foi institucionalizado anos mais tarde, tornando-se uma igreja protestante. Wesley, no entanto, não desejou este caminho: morreu anglicano com o lema *o mundo é minha paróquia*.

# “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”

Paulo Cezar Loureiro Botas

“Não confie em ninguém com mais de 30 cruzeiros” (MPB, anos 70)

Houve uma explosão da juventude no ano de 1968. A contestação que varreu o mundo e fez eclodir as novas alternativas de vida e de organização social trouxe ao cotidiano os arroubos e ardores da juventude, sua paixão e sua loucura. Mas, com certeza, não foi essa contestação a responsável pela crise generalizada em que se encontra a juventude dos anos de 1990. Os jovens usam brincos, cores fortes, lenços na cabeça, rabo-de-cavalo, e nunca o *unisex* foi tão marcante no comportamento deles como agora. No entanto, a mentalidade está longe de ser a do sonho e da utopia dos anos de Aquarius. A “alienação” política (para usar um jargão conhecido), o desinteresse pelas coisas do social, a preocupação de encontrar uma profissão que “dê dinheiro”, a cultura “televisiva”, o sonho do núcleo familiar clássico evidenciam uma postura crítica aos jovens “engajados” dos anos de 1960, hoje avós atônitos quando seus netos confundem a iconografia do Che Guevara com o cantor de *reggae* Bob Marley... Sinal dos tempos...

O fato é que a desestruturação da família, muito mais econômica do que moral, fez com que a imagem tradicional em que a mãe cuida da casa, prepara doces e comidas, o pai trabalha para manter o lar e os filhos estudam, vão à igreja, namoram e casam se esvaísse no lusco-fusco inflacionário no qual todos trabalham, de um jeito ou de outro, para poder sobreviver.

A juventude, cuja formação, até 1972, esteve fortemente marcada pelas ciências humanas, com a Lei 5.692 (do ensino profissionalizante) foi reduzida à mão-de-obra especializada para ser consumida pelas multinacionais que ampliavam seus interesses e ganâncias no Brasil. As ciências humanas foram limitadas ao treinamento ortodoxo dado pela OSPB, no segundo grau, e EPB, no ensino universitário. A formação cívico-militar se impunha à formação da consciência de cidadania e da crítica social. A transformação do ensino universitário em regime de créditos fragmentou as relações de grupos ideologicamente identificados que se formavam além das fronteiras da política estudantil e legitimou a lógica do “cada um por si e Deus por ninguém”.

A “crise” da juventude é muito mais determinada pela impossibilidade de uma ação social efetiva e transformadora, por meio da atitude crítica, do que pela “desagregação moral e religiosa” da família e da sociedade.

Do ponto de vista das igrejas, a ausência de uma espiritualidade e de uma mis-

tica fez com que os jovens procurassem outras alternativas holísticas para a sua expressão religiosa. A onda esotérica que invade o mundo revela a crítica profunda de gerações à falência de nossas igrejas tão ávidas em agirem no social e tão pobres na dimensão espiritual das suas razões e compromissos. A secularização ultrapassou a religiosidade e fomos enganados e iludidos pelos valores deste “mundo”.

Em suma, se existe uma crise da juventude, ela é muito mais determinada pela falência das nossas gerações do que pelas razões subjetivas dos jovens dos anos de 1990. Nossa amargura, nossa falta de esperança, nossa busca de segurança numa vidinha de classe média, nosso medo de envelhecer, nossas frustrações por não termos acumulado o suficiente e quando acumulamos não usufruímos pelo medo de se gastar, respondem à postura crítica e contestatória dos nossos filhos e netos.

A juventude, a meu ver, é o momento da vida em que encontramos o cristão em “estado puro”. O jovem busca a verdade, fala a verdade, denuncia nossas hipocrisias, nossa vida “em sociedade”. Questiona-nos o tempo todo sobre nossos valores, convicções e coerência entre o que falamos e o que fazemos.

“Gostaríamos de acreditar em Deus, em alguém que é forte, bom, verdadeiro, compreensivo, que nos quer fortes, autênticos, alguém que merece fé e amor. Vocês nos ensinaram, nos formularam um deus com definições abstratas e vazias, um deus que vocês projetaram e inventaram para justificar seu comodismo, egoísmo, sistemas, dogmas, suas guerras, brigas, injustiças e explorações. E isto vocês chamavam de religião. Com esta religião vocês ganharam muito dinheiro, inventando devoções, fazendo promessas. Vocês recitaram resultados de loterias e campanhas de caridades como se fossem piedosas orações.” (Carta de um jovem, *Texto e Contexto*).

A situação de se falar a verdade e denunciar a hipocrisia é o que chamamos na Bíblia de profecia. O profeta é o que fala a verdade e denuncia a injustiça e a hipocrisia dos poderosos. Esta dimensão profética o jovem tem arraigada em seu ser.

A juventude tem uma profunda vida comunitária. O que a sociedade insiste em nomear de “bando” é a forte referência grupal dos jovens, com símbolos, normas, éticas de fidelidade, objetivos claros e definidos em que se exige lealdade acima de tudo. Esse espírito comunitário do mesmo destino e caminho determina e dá sentido e significado à vida dos jovens e à sua identidade frater-

na. Somos nós que caricaturamos esta vida comunitária como se fossem gangues de bandidos e “marginais”.

“E vocês, nobre vereador, excelentíssimo deputado, dêem uma prova de verdadeiro humanismo. Provem seu interesse pelo bem-estar da massa dos famintos, dos analfabetos, dos marginalizados. Provem que são capazes dos seus cargos não pelo que dizem, pelo que lucram materialmente, mas pelo que são como homens e seres humanos. O que está realizando sem ninguém ver, sem interesse pessoal, partidário, e sem motivos de manutenção do poder pessoal.” (idem).

A juventude tem desenvolvido forte senso de justiça social e não teme ser cri-

**Se existe uma crise da juventude, ela é muito mais determinada pela falência das nossas gerações do que pelas razões subjetivas dos jovens dos anos de 1990**



ticada quando entra em movimentos de luta pela ecologia, pela não-discriminação social e contra os preconceitos. Somos nós que tememos a força dessa sensibilidade e de sua transformação em ações concretas que poderão repercutir na nossa vida medíocre e estabilizada.

A juventude traz em sua intericidade

o permanente transgredir a tudo o que lhe parece hipócrita e sem convicção, sem temer a proscrição social e familiar. Somos nós, a nossa geração, os “marginalizados” desses valores cristãos de verdade, comunidade, fraternidade, amor, justiça, liberdade, luta que nossos filhos e netos trazem em estado puro e apaixonado. Somos nós, com nossas instituições, que procuramos abafar, amainar, adequar, ajustar a juventude ao nosso tamanho, pequenez e covardia, em nome do nosso amor inseguro e que não garante as nossas poucas convicções e lealdades.

“Os fortes, os homens de verdade, que lutam, que procuram mudar as estruturas da sociedade hipócrita e podre, foram expulsos e presos porque falavam verdades proibidas, porque desprezaram o comodismo e a hipocrisia.” (idem).

Não, não há crise da juventude. Há uma aguda crise social e política da sociedade que a nossa geração um dia quis transformar mas que acabou concedendo em nome do bem-estar e da acomodação. Temos medo da transgressão dos nossos valores e instituições que criticamos entre quatro paredes, nas

CEDI

mesas dos bares, entre amigos, mas que, por acomodação e covardia, não deixamos vir a público. Perdemos o nosso “ser” há muito tempo e temos pavor de perder o pouco do nosso “ter”, conquistado por meio de todas as concessões e submissões aos pequenos poderes e benesses institucionais.

Mas resta uma esperança... De que de novo o sol entre sujando de Vida os nossos olhos claros de Morte. De que os jovens, a trancos e barrancos, construam um mundo no qual o sonho seja possível e não mais protelado como protelamos os nossos. Um mundo que redima o espólio das nossas gerações erigidas em covardias, medos e pequenos gestos de ousadia.

“Vocês são hipócritas, nós meio fortes — transviados. Por favor, rezem por nós porque os hipócritas, os fracos têm pistolas!!!” (idem).

Paulo Cezar Loureiro Botas é filósofo, assessor do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI, e autor do livro “A bênção de abril” (Vozes). Publicado na revista Tempo e Presença nº 262.

# A juventude evangélica nos últimos anos

## ANOTAÇÕES PARA UM ENSAIO IMPROVISADO

Carlos Alberto Rodrigues Alves



Nós somos o que cantamos... Em escalas de tons maiores ou menores transcritas em pautas existenciais, harpejamos acordes nos quais ressoam nossos sonhos, nossas decepções, nossas saudades e nossas alegrias.

Sim! Nós somos os sons que "aspiramos", culturalizamos e "transpiramos". Ainda que não saibamos distinguir um bemol de um sustenido, em cantos, em melodias, em ritmos e harmonias por nós executados ou ouvidos, traçamos nossa vida. Afinada ou desafinadamente.

Digo isto como prelúdio a um "ensaio geral" para o qual fui convidado a orquestrar variações que lembrassem o andamento "allegro-ma-non-tropo" da juventude evangélica brasileira nos últimos anos. E isto desde a sua produção/reprodução musical.

Inserir-me nessa empreitada é de certa forma sintonizar-me com um passado que, queiram ou não, continua vivo em mim. Seja em forma de fantasmas que quero exorcizar, talvez sem sucesso. Seja em forma de fragmentos nostálgicos, o que talvez me faça recordar que "eu era feliz e não sabia". Sou evangélico, hoje bem diferente do que já fui. Vivi as últimas décadas tendo como instrumento para entender o mundo, a música. Hoje com sonoridade e verberações também distintas daquelas já sentidas.

Como o tema sugerido na pauta específica o referencial evangélico como "batuta", executo meus arabescos por entre as notas musicais/vivenciais dentro da "geração satisfação" (juventude-congressista-acampista) e dos ensaios — autóctones — ecumênicos que, embora tímidos, sempre estiveram presentes numa vertente do movimento da juventude.

Nos anos de 1960, enquanto Victor Jara, empunhando seu compromissado violão, cantava a utopia da sociedade sem classes, João Gilberto e Carlinhos Lyra "desafinavam" os acordes ultrapassados da MPB, Caetano e Gil tropicalizavam e univaersalizavam polissonicamente a banda de Carmem Miranda, a mocidade evangélica, por um lado, agonizava à falta de líderes caçados pela "Lei-de-segurança-paroquial", e, por outro lado, importava a "nova canção" das terras do Norte. Músicas melódica e teologicamente traba-

lhadas como "que estou fazendo se sou cristão" não tiveram lugar nas paradas do sucesso evangélico. Ficariam nos círculos restritos nos quais a confraria ecumênica se reunia em suas catacumbas. O não-sucesso se deveu a razões óbvias: o conteúdo teológico era dissonante do compasso "dois-por-quatro" da orquestração eclesiástica oficial.

O que explodiu mesmo foi o gênero "satisfação é ter a Cristo", que diretamente vinda do movimento evangélico-alternativo dos Estados Unidos impregnou a maior parte dos jovens com uma sensação de revolução evangélica graças a um jeito novo de se cantar o Evangelho.

Os convertidos a esse "new way" musical incorporaram terminologias "profanas" ao seu restrito universo vocabular e floream os arranjos melódicos com o som de guitarras e de baterias. Mas por não apresentarem qualquer ruptura de cunho teológico nos hinos tradicionais, continuaram com a hinódia existente, apresentando

suas mesmas características: pietismo, individualismo, a-historicismo, trans-historicismo, o que pode ser traduzido na expressão ni-hilismo-histórico-teológico. A xerocada linha melódica delas se prestou mais a solos ou a performances dos grupos do que ao canto congregacional. Na verdade, os jovens cantavam uma ausência de utopia, uma ausência de projetos, uma negação do mundo, embora fizessem esforços para travestir tudo isso com palavras e frases de efeito: "Jesus minha paz", "Jesus ra-

ção de viver", etc. Se durante a maior parte da contada e cantada história do protestantismo brasileiro "ser evangélico" era ser "anticatólico", o conteúdo dessas "novas canções" forjaram nesse segmento da juventude evangélica o caráter "antidrogas" e incorporado fortemente pelas igrejas que vêem nesse tipo de empreendimento um jeito eficaz de garantir os jovens em sua "ativa" congregação.

No decorrer dos anos, aos poucos, esse tipo de música se sofisticava com o crescimento de conjuntos musicais que aderem ao multiinstrumentalismo. Destacam-se nesse aprimoramento as "show-bands": Vencedores por Cristo, Jovens da Verdade, Novo Alvorecer, Os Ligados, entre outros, cujo ápice viria com o som paraeclesiástico do rock evangélico comandado por Rebanhão, Trilha, Katsbarnéa, etc. Em termos melódico-teológicos a única e importante evolução que se dá nesse campo evangélico é a metrificação musicalizada de salmos e doxologias bíblicas.

**Ainda que não saibamos distinguir um bemol de um sustenido, em cantos, em melodias, em ritmos e harmonias por nós executados ou ouvidos, traçamos nossa vida. Afinada ou desafinadamente.**

### "VAMOS COM JESUS E MARCHEMOS SEM TEMOR"

Anivaldo Padilha



Durante décadas a juventude evangélica brasileira cantou este hino com o máximo vigor. Para uma parte significativa da juventude evangélica entretanto, estas palavras adquiriram novo sentido e

um significado profundo, nos anos de 1960.

Grandes mudanças com o fim da euforia desenvolvimentista de Juscelino. O sistema político-institucional mostrava-se insensível às pressões dos diversos setores da sociedade por reformas políticas, sociais e econômicas. Era um período de aguda polarização política. Com a vitória da Revolução Cubana, tanto as classes populares quanto as dominantes viam a revolução socialista como uma possibilidade real: as primeiras como esperança; as últimas com medo.

No campo eclesiástico, a prática pietista e a teologia tradicional não ofereciam respostas para os desafios da realidade. Lideranças importantes começaram a pregar a necessidade de rompimento com o *status quo* e uma presença profética dos evangélicos na arena política e social. Começávamos a suspeitar que Deus estava atuando no mundo e ouvindo o clamor do seu povo por justiça, e nós tínhamos que romper as paredes

aprisionantes do templo e sair ao encontro dele.

Essa nova consciência da Missão encontrou no coração e na mente da juventude o solo propício para crescer. Os congressos, acampamentos, encontros e retiros espirituais da juventude tornaram-se espaços privilegiados para reflexão, celebração e conversão. Na busca de uma leitura bíblica não-fundamentalista redescobrimos o Deus da Justiça. Nos escritos de Dietrich Bonhoeffer e na luta de Martin Luther King pelos direitos civis nos Estados Unidos encontramos inspiração e elementos importantes para uma nova ética cristã. A companhia de Richard Shaull nos ajudava a aprofundar a reflexão. E o escândalo da divisão da Igreja nos mostrou que nossa ação no mundo, para ser coerente, tinha que ser através da busca da unidade cristã como inspiração para a unidade do povo. Descobrimos que nosso engajamento na luta por uma nova sociedade que refletisse os sinais dos valores do Reino exigia também lutar pela renovação da Igreja.

A União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), dissolvida depois de 1964 fazia chegar até nós as preocupações e inquietudes da juventude na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina.

A polarização política no País refletia-se também nas igrejas. Para muitos, nosso envolvimento social, nossa solidariedade com as reivindicações dos trabalhadores e camponeses e nossas relações com setores católico-romanos eram inaceitáveis. Nossa luta pela renovação da Igreja representava uma

ameaça ao poder estabelecido nas igrejas.

O golpe de 1964 gerou um processo de radicalização. Para nós, a partir da nossa visão da ética cristã, era inadmissível que a Igreja fosse conivente com a tortura e a supressão das liberdades democráticas. Os jovens se rebelavam no plano mundial dando início a grandes mudanças culturais. Como reação ao controle das estruturas eclesiásticas autocráticas, recriamos nossas articulações ecumênicas e começamos a conquistar autonomia. Para nós era mais importante obedecer a Deus e à nossa consciência do que submeter-nos à disciplina autoritária eclesiástica.

Com o AI-5 (1968) alguns líderes das igrejas aliam-se aos órgãos de repressão da ditadura e passam a denunciar as lideranças da juventude. Esse processo de delação levou à prisão vários líderes jovens evangélicos. O terror se instalou nas igrejas e levou à desarticulação de um movimento nascido com o incentivo de autoridades eclesiásticas que foram incapazes de acompanhar e crescer com a juventude. Resgatar essa memória significa não somente falar de uma experiência profunda de uma nova espiritualidade mas também falar de uma fase pecaminosa da história do protestantismo brasileiro. As sequelas físicas e psicológicas espelhadas nas marcas das torturas, do martírio e do exílio que muitos de nós sofremos explicam porque essa história tem sido sonhada às novas gerações.

Anivaldo Padilha é metodista e coordena o Departamento de Cooperação Internacional do CEDI. Nos anos de 1960 foi diretor do Departamento de Juventude da Igreja Metodista e editor da revista Cruz de Malta.

IDOC Internazionale 5/90



A juventude ecumênica desde o seu nascimento, canta o que consegue garimpar dessa produção/reprodução. Superando o maniqueísmo sagrado/profano canta também as letras da MPB que traduzem uma espiritualidade encarnada. Exemplos marcantes presentes em todos os encontros ecumênicos são: Cálix Bento, A Bandeira do Divino e Cio da Terra. Somam-se a estas, boas canções vindas de grupos católicos.

As melhores produções da juventude ecumênica, no entanto, vieram nos anos de 1980 em que letra e música se casam para ser expressão existencial de uma juventude que sente o peso de 500 anos de dependência cultural. Com efeito, mais do que no prior de uma estrutura musical, reside justamente uma dimensão litúrgico-congregacional, sua grande contribuição ao "fazer" do novo capítulo da hinologia brasileira. São expressões de destaque dessa nova fase: Jaci Maraschin, Simei Monteiro, Nabor Nunes e vários grupos inspirados nas veias abertas do sangue latino. Essas músicas são também expressões maiores de um ecumenismo mais amadurecido em nossa "Terra-Brasilis" e em nossa "América morena".

Neste final de milênio em que a re-

**Neste final de milênio, a juventude evangélica continuará também expressando-se a si mesma nas suas canções.**

ciclagem musical universal aponta o gênero "pós-music", o "soft rock", o "rap" e o eterno romantismo assinalando as multifacetárias emoções da juventude "sempre em busca de", a juventude evangélica continuará também expressando-se a si mesma nas suas canções. Parte dela colocará sempre na cadência de "marchinhas funébricas" a uniformidade rítmica de um vocabulário musical previsível, invariável... Parte dela continuará optando por sinfonias de amor e liberdade em tom "pianíssimo", "allegro-vivace" ou ao compasso da viola e do tamborim, sempre fazendo variações sobre a vida e a morte.

É. Nós somos o que cantamos.

Carlos Alberto Rodrigues Alves é pastor da Igreja Presbiteriana de Curitiba e presidente-fundador do Laudate Centro de Música.

## DO HIATO DOS SETENTA E DA CRISE DO PROTESTANTISMO

Reynaldo Leão



A anistia do fim da década de 1970 trouxe de volta, entre tantos, frei Tito de Alencar, símbolo internacional do martírio. Restos mortais de um brasileiro banido, torturado, exilado, feito morto/vivo pela astúcia repressora de seus torturadores. Testemunho agudo sobre a loucura e sua face mais coletiva. Identidade fendida, perda de referências, nome, história, fé, caminho. A anistia não pôde trazer de volta, do fundo dos mares, Heleni Guariba; não pôde devolver anos usurpados, vidas tiradas, história, projetos, possibilidades.

Assim, éramos todos uma legião de medo, silêncio, dor, perda, auto-aniquilamento. No barulho do milagre econômico, da rodovia-transamazônica, do melhor futebol do mundo, do país de dimensões continentais, sufocava-se a voz que falava do presente, do passado e a sanidade que só a memória pode dar. O maior índice de aprovação popular para governantes nacionais — ovação aos militares. Como ouvir a voz da nuvem de testemunhas?

Para fora dos muros eclesiais uma geração: sua visão sobre as coisas, suas roupas, seus estilos de cabelo, seu jeito de falar a fé, a teo-

logia e seus compromissos de vida.

O mundo protestante dos anos de 1970 ficou mais confortável e seguro. Ausentes os habitantes das fronteiras entre fé e cultura, teologia e política, ética e futuro. Com o seu distanciamento, aquelas fronteiras ameaçadas ficavam mais longínquas. Distância necessária, separações claras e inequívocas, preservando feridas intocáveis, monstros adormecidos ainda que, adormecida também ficasse a crise de nome e de identidade.

Entretanto, o protestantismo afirmava-se na teologia salvacionista de coloração estadunidense, agenciada pelas organizações paraeclesiais. Estas, encontrando a casa vazia e varrida, traziam-lhe de graça, um nome, uma face, uma doutrina. Substituição alienígena de vocação e destino.

Como um milagre, lá no fim da linha daqueles anos, a voz de testemunhas fez-se ouvida e a nação, que havia devorado seus filhos, deles recebeu lampejos de possibilidades impensadas: o princípio da derrocada de tanques, fardas e estrelas, no grito calado de dor — "Anistia ampla geral e irrestrita".

Para o protestantismo restaram, entretanto, as perguntas que aqueles descaminhos deixaram — O que fazer deste hiato? desta ausência de identidade? da falta de nome e de referências? se a casa está habitada e o verdadeiro nome esquecido, os mártires mortos e os vivos perdidos?

Reynaldo Leão é metodista, formado em Teologia, coordenador da Pastoral da Juventude das Igrejas Metodistas da Baixada Fluminense e coordenador do Comitê Preparatório do Encontro Ecumênico ECO-92.

## "SOMOS JOVENS CRENTES, JOVENS CRENTES. CRENTES NO SENHOR."

Alexandre Brasil



Participo de grupos jovens na Igreja Presbiteriana do Brasil há seis anos. Tenho tido contato com jovens de todo o Brasil das mais variadas formações. Esta experiência tem ocorrido pela minha atuação na Aliança Bíblica Universitária (ABU).

Nestes últimos dez anos o mundo mudou. Na política nacional, nem tanto. Do governo de fardas e quepes, passamos à Nova República, que, após recente reforma ministerial, se configura repleta de ligações perigosas em seus altos escalões (Folha de São Paulo, 10/04/92).

Passamos da música conjunto dos Vencedores por Cristo para o rock pauleira do *Katsbarnéia* (FSP, 12/08/91). Jaime Kemp com o seu *namoro, noivado e casamento* pautou (e ainda pauta...) a orientação sexual de muitos adolescentes e o *ato conjugal* do casal LaHave vem sendo o exemplo para vários noivos... Um brasileiro, Robinson Cavalcanti, que buscava uma *bênção chamada sexo*, agora busca *libertação e sexualidade*. As coisas mudaram...

No passado David Wilkerson encarava drogados, ele com a *cruz* e eles com o *punhal*; na mesma época Juan Carlos Ortiz conquistou vários *discipulos*, revolucionando idéias sobre a forma de culto.

Hoje em dia a preocupação maior é a Nova Era (que já era há muito tempo!). Parece que descobrimos as *potestades e os anjos* ao ler o *mundo tenebroso* de Frank Peretti. Enquanto isto, alguns sempre

estiveram lendo autores preocupados com a responsabilidade e o compromisso social da Igreja.

Nas paraeclesiais os jovens puderam realizar seu ministério em diversos segmentos, sendo um espaço articulado através do qual foi (e é!) possível alcançar áreas onde a proclamação do Evangelho sempre teve dificuldades. Dentro da história da Igreja evangélica brasileira são notórios os conflitos com a atuação dos jovens, sendo as paraeclesiais (ABU, Atletas de Cristo, JOCUM, MPC, OM, Visão Mundial, etc) um bom refúgio para eles, pois não exigem desligamento da Igreja e são instrumentos para nossa ação em grupo.

Da história de Wilkerson até a ficção de Peretti, intercalados pelos trabalhos voltados para questões sociais, ainda espero o dia em que os jovens estarão atentos para histórias de vidas comprometidas com Deus, colocando seus joelhos em terra numa prática constante de oração e atuando nas necessidades da sociedade.

Apesar dessas transformações ou até mesmo com estas, continuamos *jovens crentes. Crentes no Senhor!*

Alexandre Brasil é presbiteriano e estudante de Ciências Sociais. Atua na ABU e é colaborador do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

# Falência dos movimentos ecumênicos de juventude

Zwinglio M. Dias



Não podemos entender a problemática da "juventude ecumênica" à parte do conjunto de esforços eclesiais e eclesiais do que se convencionou chamar de movimento ecumênico latino-americano. O compromisso ecumênico de jovens cristãos preocupados com a unidade da Igreja em nossas latitudes não só foi resultado do processo maior levado a cabo por setores de nossas igrejas engajados na proposta ecumênica como, em muitos casos, foi a motivação principal que gerou e sustentou esse mesmo movimento dentro das igrejas. Hoje, mais de setenta anos depois da Conferência do Panamá (1916), não podemos falar de ecumenismo sem falar de juventude. Porque foi o generoso e desprezado compromisso dos jovens com a causa da unidade da Igreja de Jesus Cristo que tornou possível a eclosão do movimento ecumênico na América Latina.

## Questionando o tema

No início desta reflexão senti-me muito inseguro. A que movimentos ecumênicos nos referimos? De que juventude estamos falando? A União Latino-Americana de Juventude Evangélica (Ulaje) e Federação Mundial de Estudantes Cristãos (Fumec), continuam com suas estruturas de trabalho, atuando em diferentes países, colaborando com outras estruturas ecumênicas mais amplas e preparam um congresso mundial de juventude a realizar-se no Brasil em 1993. Quando olho para nossas igrejas institucionais e pergunto pela presença, influência e força organizacional de seus jovens, fico um tanto confuso porque, hoje, é muito difícil distinguir os jovens do conjunto das comunidades. A voz da juventude está integrada à voz da instituição. Seu comportamento responde às normas impostas pela instituição e suas aspirações parece que foram moldadas pelas aspirações do conjunto da comunidade eclesial. Os que não se adaptaram não encontraram espaço e estão fora das igrejas.

Por outro lado, os movimentos ecumênicos de juventude criados em outros tempos e noutras circunstâncias sociais, culturais, políticas e econômicas não conseguiram forjar esquemas e formas de acolhimento capazes de oferecer, seja aos jovens adaptados às estruturas de convivência oferecidas pelas igrejas, seja àqueles que se rebelaram contra elas, um espaço de reflexão e de vivência da fé de acordo com as aspirações, questionamentos e interrogações próprias de sua condição de jovens. De fato podemos falar de uma falência do instrumental ecumênico voltado e/ou criado para os jovens e por eles. Não se trata de repetir estruturas que deram certo no passado. Os tempos são outros, as condições objetivas de vida mudaram, e mudaram muito, o movimento ecumênico não é mais aquele dos anos de 1950 e 1960.

Os instrumentais criados no interior do movimento ecumênico não têm por que ser eternos. São precários e devem mudar de acordo com as necessidades exigidas pela realidade das igrejas e das sociedades.

Neste sentido, é válido falar de falência dos movimentos ecumênicos de juventude porque essas estruturas estão esvaziadas. Foram ultrapassadas, para bem ou para mal, pela nova realidade religiosa de hoje. Assim como o movimento ecumênico corre riscos enormes de perder sua capacidade de aglutinação das igrejas em nome da unidade dos cristãos a serviço da maioria de nossas populações, assim os movimentos ecumênicos de juventude estão desafiados a descobrir novos caminhos de presença e de atuação entre os jovens cristãos de nossas igrejas que os ajudem a expressar a sua especificidade religiosa de forma madura e responsável mas no quadro das inquietações e ousadias próprias da condição de jovens. Para isso, no entanto, é preciso refrescar a memória, recordando a história do ecumenismo, e assim oferecer a nossa juventude possibilidades de encontro com uma história rica e pujante de cristãos comprometidos com o Evangelho, com suas tradições eclesiais e, fundamentalmente, com a construção de povos livres numa América Latina libertada de todas as formas de opressão.

## Fazendo um pouco de história

Oscar Bolioli (Una historia de Unidad, in Cristianismo y Sociedad, n.52/53), resume em quatro períodos a cronologia histórica do ecumenismo no Continente. Para o que nos interessa realçar, vamos resumir os três primeiros períodos porque são os que mais revelam o papel desempenhado pelos movimentos de juventude no interior do movimento ecumênico latino-americano. O quarto (1970) vê surgir o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e se estarece com a repressão inibidora de outros movimentos ecumênicos.

### 1º período: 1916-1948

Na Conferência do Panamá (1916) é organizado o Comitê das Igrejas de Cooperação para a América Latina (CCLA), resultado do conflito entre missões norte-americanas e européias. Em decorrência acontece um encontro em Montevideu (1925) com ênfase sobre a responsabilidade social. Em 1940, líderes jovens, principalmente do Cone Sul, se convocam para uma assembléia (Lima, Peru), sustada pelo governo peruano.

O mesmo grupo consegue reunir-se (1941) e constitui o primeiro movimento de unidade continental tipicamente latino-americano: Ulaje. Nesse ano, em Buenos Aires, a I Conferência Evangélica Latino-Americana (Cela) enfatiza a evangelização do Continente.

Ulaje se torna, assim, a única expressão "nativa" das expectativas de unidade. Ou seja, os jovens das igrejas latino-america-

nas são a vanguarda do ecumenismo com o lema: a unidade a partir das igrejas.

### 2º período: 1951 a 1961

A Fumec decide (1951) incrementar o trabalho na América Latina e com isso se concretiza o segundo movimento leigo ecumênico no Continente.

Em 1956 a Ulaje realiza o 3º Congresso continental sob o tema: "Boas-novas aos pobres e liberdade aos cativos". Em 1961 Ulaje e Fumec fazem reuniões continentais no México sob o tema: "Vida e Missão da Igreja".

Nesse mesmo ano acontecem em Huampani, Peru, duas consultas continentais importantes. A primeira deu origem à Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade (Isal) e a outra à Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (Celadec). A II Cela, em Lima, enfatiza a necessidade de mudança das estruturas sociais dos países latino-americanos.

Este período se caracteriza pelo surgimento de grupos ecumênicos, leigos que vão além das decisões eclesial-institucionais. Emerge uma geração de líderes "nativos" dispostos a controlar e criticar o processo latino-americano da Igreja.

### 3º período: 1962 a 1970

Em 1963 se realiza no Rio de Janeiro a Consulta Cristã de Ação Social e Serviço, na qual se reafirma a criação de uma Federação Latino-Americana de Igrejas.

Em 1964, em Montevideu, outra consulta concretiza aquela recomendação e cria o Comitê Provisório pró-Unidade Evangélica na América Latina (Unelam), que desemboca (1974) no Clai. Em 1966 Ulaje, em diálogo com Unelam, em busca de uma unidade orgânica, decide retirar-se.

Caracteriza-se este período por um acentuado crescimento dos movimentos ecumênicos (paraeclesiais) que vão se radicalizando e criam um distanciamento cada vez maior das igrejas institucionais. Abrem-se ao diálogo com setores da Igreja Católica e frustram-se as possibilidades de unidade a partir das igrejas. Daí decorre o divórcio crescente entre igrejas e movimentos ecumênicos.

O movimento ecumênico vai escrever belas páginas de luta e de compromisso evangélico nos anos de 1970 e 1980, e no auge das ditaduras militares do Continente. Perdem o ímpeto e força a partir de meados dos anos de 1970. A consolidação do Clai (1978) se faz pela aproximação de outras igrejas. Os militarismos continentais em baixa e as mudanças econômicas e políticas ensejam novos desafios e descerram novos cenários para a compreensão do significado do papel da religiosidade de nossos povos no processo de construção de nossas identidades nacionais.

## Pensando o presente e o futuro

Esta brevíssima digressão histórica nos permite perceber dois fatos muito impor-

tações para o presente e o futuro do movimento ecumênico.

O primeiro foi o papel que a juventude das igrejas latino-americanas desempenhou na consolidação do movimento ecumênico no Continente.

O segundo, lamentável, porém real e fruto das condições socioculturais de nossas igrejas, foi o crescente distanciamento entre igreja e entidades ecumênicas por causa de apoio externo (entidades e CMI). Tal situação, hoje relativamente superada, ainda persiste e criou, entre as igrejas evangélicas do Continente, uma atitude antiecumênica militante. Por outro lado, pelas falsas informações e pressupostos de interesse conservantistas de direita, os movimentos de juventude e as instituições ecumênicas não formaram novos quadros capazes de expressar aspirações e percepções da própria realidade. Ou seja, muitas entidades ecumênicas acabaram se institucionalizando e, com isso, repetindo os mesmos vícios institucionais que criticavam nas igrejas.

Quanto a pressões externas que influenciaram esse processo e nos trouxeram à situação em que nos encontramos hoje importa destacar o processo de deseducação e desinformação que foi imposto, (especialmente em nosso país), pelas ditaduras militares e que produziu outro tipo de jovem, totalmente diferente do jovem dos anos de 1960 e 1970. Ora, trabalhar a questão cultural-religiosa e sociopolítica com esses jovens exige uma metodologia completamente diferente daquela que prevaleceu nas décadas anteriores. O fracasso dos movimentos ecumênicos em geral e dos movimentos de juventude nada tem a ver com a condição de juventude, mas sim com a metodologia de trabalho que foi empregada até há pouco tempo e que não produziu os resultados esperados. Pelo contrário, ou tirou os jovens das igrejas ou reforçou neles a insegurança que os empurrou ainda mais para dentro das estruturas eclesiais em que se acomodaram e assumiram uma proposta intimista e individualista.

Todo esse processo, por outro lado, tem que ser visto à luz das condições objetivas de convivência que a sociedade contemporânea nos oferece. A juventude reflete o que recebe da sociedade assim como as igrejas refletem o contexto sociocultural. Repensar o trabalho ecumênico com os jovens hoje implica, antes de tudo, refletir sobre o papel que cabe às igrejas em meio à situação geral de dificuldades que vivem nossos povos e à situação particular do mundo simbólico, através do qual as populações oprimidas (incluindo aí os jovens) procuram projetar suas aspirações no esforço de criar um mundo de sentido em meio à situação de total abandono e "des-afeto" em que vivem.

Zwinglio M. Dias é teólogo, pastor presbiteriano e secretário-geral do CEDI.



# Justiça do pobre: critério da nova sociedade

Ely Eser Barreto César

*Jesus, sabendo da conspiração dos fariseus contra ele, retirou-se dali. Muitos o seguiram, e ele curou a todos; e ordenou-lhes que não o fizessem conhecido, a fim de que fosse cumprida a palavra do profeta Isaías, que diz: "Eis o meu servo a quem eu escolhi, em meu amado em quem minha 'alma' se compraz. Porei meu Espírito sobre ele e ele proclamará a justiça às nações. Ele não contenderá nem gritará, nem se ouvirá a sua voz nas ruas. Ele não quebrará a cana esmagada; ele não apagará o pavio fumegante até que triunfar a justiça. Em seu nome as nações esperarão" (Mt 12.15-21).*

O texto acima, por ser uma citação de Isaías 42.1-4, introduzida pelo evangelista no contexto do conflito aberto entre Jesus e os fariseus (a sinagoga), tanto ilumina a função do Messias numa situação de conflito (crise social entre os dominantes e os pobres) quanto estabelece a direção da única ação histórica possível dos cristãos.

Todo o contexto deste texto é o relato de um conflito que termina em tragédia, ou com a condenação definitiva da "geração opressora": *ninivitas se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui quem é maior do que Jonas (Mt 12.41-42).*

Neste processo crítico e decisivo, o Cristo é identificado ao Servo Sofredor de Isaías. No entanto seu sofrimento não é passivo, do tipo "a vitória histórica é necessariamente dos opressores, pois a vitória cristã só acontecerá no Reino futuro, depois da história". O sofrimento do Messias e do povo messiânico é resultado do inconformismo com a injustiça e do compromisso inegociável com a causa da justiça histórica. Pelo Espírito "ele proclamará a justiça às nações". Aqui o texto pode induzir a equívocos pois ele enfatiza algumas expressões que podem facilmente ser descontextualizadas: **proclamar** justiça, isto é, transformar a ação messiânica de Jesus em "discurso abstra-

to", do tipo "liberdade de expressão"; ou "ele não contenderá, nem gritará, nem se ouvirá sua voz nas ruas", o que pode induzir à noção de "violência absoluta", inclusive a aceitação da inevitabilidade da humilhação histórica.

A lição do "texto" é bem outra. Ocorre que os fariseus, os agentes diretos da opressão dos pobres de Israel e os agentes históricos da opressão da Igreja através da ação das sinagogas após a destruição do Estado de Israel pelos romanos no ano 70, reivindicavam a posse exclusiva dos instrumentos da cultura, ou seja, eles eram os únicos e legítimos intérpretes da tradição bíblica do Antigo Testamento. Os pobres da Igreja de Mateus nem sequer podiam reivindicar a legitimidade de seu libertador pois os verdadeiros donos da tradição e seus legítimos intérpretes rejeitaram, de fato, a Jesus como Messias. A prova desta rejeição era sua condenação na cruz.

Os pobres da comunidade de Mateus deviam saber que o projeto messiânico expresso em Isaías incluía a aceitação, pelo próprio Jesus, desta rejeição dos legítimos herdeiros. É contra esta rejeição que ele não "contenderá", até porque, historicamente, uma rejeição consumada é sempre uma rejeição. O Messias dos pobres não dirige seu programa a convencer os "rejeitadores" de que estão equivocados, isto é, "ele nem gritará" contra estes opressores, nem "gastará inutilmente sua voz nas praças". Por que? Porque antes de rejeitar o Messias eles esmagaram os pobres de Deus.

Os pobres aqui são caracterizados por duas figuras impressionantes, que retrata sua humilhante situação histórica: eles são as "canas esmagadas" ou o "pavio fumegante de uma lamparina quando o dia já chegou". A primeira figura informa-nos que os pobres foram sugados até a última gota de suas vidas. A segunda, que eles não tem papel social na sociedade

pois sua luz não é nem mais necessária diante da luz do dia. Eles não tem horizonte de vida, sentido existencial, esperança na história. Comparada a estas figuras está outra, citada pouco antes: *viendo Jesus as multidões, teve grande compaixão delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9.36).*

Qual o relacionamento histórico do Messias com estas "canas quebradas"? No último texto o "intenso padecimento com". No nosso texto, ele "não quebrará a cana esmagada" e "não apagará o pavio que ainda fuma, apesar de já ser dia". O Messias vê o pobre com dignidade e neste simples consideração o dignifica. Há aí ternura histórica de quem descobre sentido na falta de sentido. Por que?

Porque traz horizonte à carência absoluta. Esse horizonte se chama "justiça". Não se trata, portanto, da "proclamação da justiça", ou da bela "compaixão" simplesmente solidária com a desventura. Pois "ele não quebrará a cana esmagada, nem apagará o pavio fumegante até que faça triunfar, na história, a justiça", esta nova estruturação social que não cria as ovelhas sem pastor, as canas quebradas e os pavios fumegantes para não iluminar nada.

Por isso, em seu nome as nações esperarão.

Haverá outro critério para a produção do saber e a estruturação da sociedade humana?

Ely Eser Barreto César é pastor metodista, biblista e vice-reitor acadêmico da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

Claudia Moraes



## Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Leia e assinie (período março a maio de 92, encartes gratuitos);  
**Assinatura anual:** Cr\$ 20.000,00; **Assinatura de apoio:** Cr\$ 23.000,00;  
**Exterior:** US\$ 15,00; **Número avulso:** Cr\$ 2.000,00.

### Aproveite esta promoção:

Assine CONTEXTO PASTORAL junto com seus amigos e ganhe descontos. Você poderá conseguir até uma assinatura gratuita. Veja:

	Normal	Desconto	Promoção
Somente você	20.000,00	—	—
Você + um amigo	40.000,00	10%	36.000,00
Você + dois amigos	60.000,00	15%	51.000,00
Você + três amigos	80.000,00	25%	60.000,00 —uma é grátis!

Não perca esta oportunidade! Garanta as assinaturas enviando cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) ou Vale Postal para o CEBEP, juntamente com correspondência constando seu nome, endereço, CEP, telefone e Igreja e/ou entidade a que pertence.

## A REFORMA EM GENEVRA

A Reforma Calvinista (21 de maio de 1536) teve uma dimensão política e outra religiosa. Um Estado feudal cujo príncipe-bispo era o suzerano temporal deu lugar a uma República que até hoje mantém sua independência. *Viver segundo a santa verdade evangélica* (Calvino) dá a dimensão religiosa da Reforma em Genevra.

As doutrinas e a disciplina do Reformador inspiraram uma grande dimensão profana para além da simples emancipação política. Uma mesma força sustentava o todo: a convicção de que só a liberdade era apta para inspirar a vida cívica e religiosa. Tratava-se de uma liberdade que a si mesma se impunha estritos limites. Estes, no entanto, eram preferíveis à tirania dos duques de Sabóia e do príncipe-bispo.

Essa República responsável foi capaz de demonstrar a outras monarquias absolutas da Europa as virtudes de responsabilidade cívica e da independência intelectual. Isto se deve à armadura teológica e moral que lhe deram Calvino e seus sucessores.

A liberdade de consciência e a responsabilidade pessoal são as grandes sínteses do pensamento de um homem corajoso que levou a sério a ameaça de Farel, quando estava de passagem em Genevra: *Deus amaldiçoe o teu descanso e a tranquilidade que buscas para estudar, se diante de uma necessidade tão grande te retirares, e te negas a prestar socorro e ajuda.*

# Anglicanos: solidariedade com as mulheres

Jorge Atílio Iullianeli

A primeira atividade oficial, no plano mundial, realizada por uma Igreja, em resposta à Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, foi promovido (Salvador/BA, 29/3 a 3/4) pelas igrejas Episcopal do Brasil, Anglicana do Cone Sul, Anglicana do Canadá, Episcopal dos Estados Unidos e Anglicana das Índias Ocidentais e Província IX.

Com a intenção de discutir os principais problemas que afligem mulheres e homens neste final de século, a situação das mulheres no mundo, o lugar e a participação das mulheres na Igreja, o ministério ordenado feminino, a contribuição da teologia feminista, e os caminhos para a efetivação da solidariedade das igrejas com as mulheres, reuniram-se 585 pessoas de 47 países.

Há algum tempo a Comunhão Anglicana preocupa-se com a necessidade de um encontro assim. Em Lambeth (1988), decidiu-se pela realização de um Encontro Internacional de Mulheres, assumindo a temática da Década Ecumênica. Na oportunidade deliberou-se que a realização do evento deveria ser no Terceiro Mundo. O Departamento Feminino da Igreja Episcopal nos Estados Unidos resolveu assumir a responsabilidade da organização do evento. Com o envolvimento das outras igrejas anglicanas optou-se por torná-lo um Encontro Anglicano Mundial, que expressasse a solidariedade ecumênica das igrejas com as mulheres.

Foi o mesmo departamento feminino que optou pela realização em Salvador. Assim, o Comitê de Organização, coordenado pela sra. Ann Smith, incorporou as brasileiras revda. Carmem Ethel Gomes e Suleni Alvares Rodrigues.

## Uma Igreja que se faz ecumênicamente solidária

Uma liturgia que emocionou o auditório, na maioria de composto por mulheres, e com mulheres celebrantes abriu o encontro. Mulheres também, carregando os símbolos de seus afazeres cotidianos, em duplas e triplas jornadas, encerraram o processional de entrada. A primeira palavra foi pronunciada pelo bispo primaz da

Igreja Episcopal no Brasil, d. Olavo Ventura Luiz. Disse que esperava que o Encontro Mundial fosse "um espaço da Igreja, em união com Cristo e fidelidade a seu Evangelho, para testemunhar que a luta da mulher não é algo a ser tratado de forma isolada, pois ultrapassa as fronteiras da educação, política, economia e religião." A importância ecumênica do Encontro foi ressaltada tanto no agradecimento feito por d. Olavo à CESE e ao CEDI, quanto pela participação de Ofelia Ortega, responsável pela Unidade 4 do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), e Esly Carvalho, do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). Além da participação mundial da Igreja Anglicana, outras denominações também se fizeram presentes. No primeiro dia, entre outras autoridades locais, eesee presente d. Lucas Moreira Neves, cardeal primaz da Igreja Católica Romana no Brasil.

## Parlamentares brasileiros defendem os direitos das mulheres

Benedita da Silva (Assembleia de Deus, deputada federal e candidata à Prefeitura do Rio) denunciou a existência de uma fazenda na Paraíba, onde adolescentes de 12 a 16 anos são prostituídas e engravidadas, e os bebês vendidos a famílias do exterior. Destacou ainda o crescente empobrecimento por que vem passando as mulheres brasileiras, que representam 40% da força de trabalho. Roberto Freire (deputado federal, ex-candidato à Presidência da República) destacou os espaços que o movimento feminista conquistou na Constituição de 1988, entre os quais a licença-maternidade. Porém, acentuou o contraste entre as conquistas e a realidade. O machismo, declarou, ainda impera nas relações pessoais e de trabalho, em que as mulheres, em grande parte, não conseguem usufruir de seus direitos. O Brasil, com uma das constituições mais avançadas quanto aos direitos sociais, mantém-se uma das realidades mais usurpadoras

desses mesmos direitos. "Os países desenvolvidos conquistam paripassu, avanços na lei que têm sua correspondência na realidade; isso, infelizmente, não acontece no Brasil, pois somos um país autoritário e sem tradição democrática", concluiu o deputado.

## Dívida externa, estruturas patriarcais e teologia feminista

D. Almir dos Santos (bispo anglicano de Brasília), falando sobre a Dívida Externa, disse: "Pode ser que falar de mudanças de uma nova ordem econômica mundial não tenha sentido para os que na ordem atual estão numa situação vantajosa". Vinculou essa "situação vantajosa" ao acúmulo imoral, e, destacando



sempre o aspecto ético, afirmou que a dívida já foi paga, pelas mulheres e homens dos 2/3 da humanidade empobrecida, e que, portanto, deveria ser "perdoada". Jim Otley, bispo do Panamá, falou sobre as estruturas patriarcais da teologia ocidental. "A teologia tem sido produzida, na maior parte de sua história, por homens. O ministério ordenado permaneceu nas mãos dos homens, como sustentáculo das estruturas familiares", afirmou, e destacou os esforços que têm sido feitos para a superação de tais estruturas arraigadas em homens e mulheres teólogos e clérigos. A teóloga católica Ivone Gebara, falando sobre a teologia feminista, destacou as diferenças entre as várias teologias feministas, especialmente entre as que se produzem no Norte e no Sul: "A luta antipatriarcal na América

Latina é diferente da que acontece no Primeiro Mundo. No Primeiro Mundo há uma desvinculação entre a luta de gênero e a luta de classes". Afirmou ainda que "a grande contribuição que a teologia feminista trouxe à teologia da libertação foi a questão antropológica. Ressaltar para além do pecado social, o pecado antropológico. O pecado que justifica a superioridade dos homens, de uma raça sobre a outra."

## Espiritualidade e sexualidade: a ternura da divindade

A exposição da presbiteriana coreana Cung Hyung-Kiung, professora na Universidade Eyewha Korea, abordou os três medos das Igrejas em enfrentar o tema da sexualidade: medo do corpo, de Eros — o amor erótico, e da homossexualidade. As Igrejas estão revestidas de preconceitos patriarcais seculares. Essa atitude impede aproximar-se dos seres humanos integralmente, como viventes que se alimentam e fazem sexo, que exprimem afeto com seus corpos. Esses corpos que sentem e oferecem prazer. Para ela "Deus e sexualidade estão juntos". A sra. Chung afirmou, em entrevista, ser da segunda geração da teologia Minjung. A primeira geração tinha seu leitmotif na luta pela libertação. A segunda é a geração da criatividade. Ela afirma que a grande contribuição de sua geração é estar produzindo uma teologia com profunda base antropológica. Para ela, que é coreana e "tem como mãe o budismo e o xamkanismo, e como pai o cristianismo", tem se mostrado desafiante falar sobre a divindade respeitando e assumindo a pluriformidade cultural.

## Documento final

O Comitê Organizador recebeu o encargo de elaborar um documento final que, entre outras coisas, vai propor a criação de uma Federação Internacional de Mulheres Anglicanas. O documento pretende condenar a dívida externa e propor aos países credores a remissão da dívida.

## CONCÍLIO DE NICÉIA (325)

Ario afirmava que o Verbo era uma criatura de Deus, criado antes de toda a criação, mas criado antes do nascimento de Jesus. O seu opositor, Alexandre (bispo de Alexandria) contrapunha o Verbo, por ser divino não era uma criatura, mas que sempre existira com Deus. (v. esquema na página ao lado).

Antecedente imediato do Concílio: Alexandre condenou Ario (um dos presbíteros mais prestigiados e influentes) e o depôs de seus cargos na igreja. Ario apelou para alguns bispos, colegas de estudos, e para as massas populares. Organizou protestos de rua com cartazes e lemas teológicos.

Constantino consultou o conselheiro Ósio (bispo de Córdoba) para tentar reconciliar as partes. Ósio disse ao imperador que a situação era muito mais séria e não se resolvia com

simples gestões individuais. Constantino decidiu, então, convocar o Concílio para Nicéia, na Ásia Menor, próximo a Constantinopla.

Foi o Primeiro Concílio Ecumênico (Universal) da Igreja. Teve a presença de cerca de trezentos bispos, mais presbíteros e diáconos. O imperador arcou com todas as despesas da convocação. Um dado interessante foi que terminara a fase das perseguições do império romano aos cristãos. Entre os presentes vindos da Europa, da Líbia (África) e da Ásia se achavam vítimas de prisões, de exílios, de torturas, e alguns traziam no corpo as marcas da fidelidade. Alguns se conheciam de vista, por cartas. Agora porém se encontravam e descobriam a riqueza da universalidade de sua fé. Eusébio de Cesaréia (no livro *Vida de Constantino*) diz que a convocação foi um ato de ação de graças pelas vitórias obtidas por Constantino.

# Cristãos escolhem Baixada Fluminense para realizar Encontro sobre meio ambiente

Paulo Roberto Salles Garcia

Antonio Carlos Ribeiro / CMI

Optando por reunir-se em uma das áreas do Rio de Janeiro mais marcadas pela pobreza, 176 representantes de 72 igrejas de 54 países do mundo discutiram novos caminhos para a "Busca por um Novo Céu e uma Nova Terra", tema do evento paralelo à Eco-92. Vinculado ao Fórum Global, o Encontro Ecumênico foi promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese).

Durante toda a semana, foram discutidos diversos temas da problemática humana, entre outros militarismo, racismo, genocídio dos povos indígenas. Nas reflexões predominou a compreensão de que, além do cuidado com a natureza e com os animais, o equilíbrio ecológico está intimamente ligado com a solução dos graves problemas que envolvem o ser humano. Conforme assinalou Emilio Castro, secretário-geral do CMI, "a preocupação ecológica não pode estar dissociada da busca pela justiça e por uma sociedade participativa e sustentável".

D. Mauro Morelli, bispo das dioceses de Duque de Caxias e São João de Meriti e um dos conferencistas, ressaltou a importância da unidade das igrejas na luta pela dignidade. "O lugar do ecumenismo é onde a vida está ameaçada. Se queremos ser discípulos de Cristo, temos que anunciar a ressurreição das pessoas".

## Acumulação ilimitada num mundo finito

Uma conferência que foi recebida com cautela e trouxe reações foi a do consultor de meio ambiente do Banco Mundial, Herman Daly. Ele fez questão de frisar que a maioria das posições apresentadas não eram necessariamente as do Banco Mundial mas dele. "Não podemos enriquecer o presente às custas do futuro. Se é pecado matar e roubar, destruir a capacidade de recursos da Terra também é", afirmou. Para ele, é importante se obter da natureza o suficiente para uma vida com boas condições de bem-estar e dignidade, e não o máximo que ela pode proporcionar

"Não é possível a acumulação ilimitada em um mundo finito", ressaltou.

## Salvar a Mãe-Terra

O tema da justiça racial mereceu destaque no Encontro. Na apresentação da líder negra do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs dos Estados Unidos, Jean Sindab, a ênfase foi dada à denúncia do racismo naquele país e ao papel das igrejas no processo de preservação do meio ambiente. "Nos Estados Unidos não é possível a integridade da criação para as pessoas marginalizadas racialmente", denunciou a líder negra.

Já a guatemalteca Rigoberta Menchú, que está exilada no México há 11 anos devido a perseguições políticas, defende também que não é possível dissociar a preocupação com a natureza e o homem. "Sentimos que o grito da Mãe-Terra é também o dos filhos da Terra", afirma ela, acrescentando que há de "renovarmos nosso compromisso de salvar a Mãe-Terra".

## Ética ecológica

"Enquanto perdurar o modelo de desenvolvimento acumulador de riquezas, de um lado, e gerador de empobrecimento de outro, e predominar a lógica da exploração social e da destruição da natureza, não haverá uma solução ecológica eficiente que proteja o equilíbrio da natureza". A expectativa é do teólogo Leonardo Boff, que acredita que se deve anunciar a sociedade sustentável, "que satisfaça a vida de todos, e não apenas das nações ricas".

Analisando a questão da ética ecológica, o teólogo frisou que as políticas governamentais não existem para promover a vida de todos, mas apenas a da minoria. Ele entende que a luta da ecologia "não é apenas pela existência de água limpa ou ar respirável, mas para possibilitar salários justos que permitam melhores condições de moradia, saúde, escola".

## Celebração de Pentecostes

Uma vigília, seguida de celebração ecumênica, que reuniu mais de mil pessoas

em Duque de Caxias, marcou o encerramento do Encontro Ecumênico Eco-92.

Com uma rica diversidade litúrgica, canções e hinos com vários ritmos e cadências de todo o mundo, e orações, a vigília e a Caminhada da Nova Criação foram uma verdadeira festa, e celebraram um dos momentos mais importantes do cristianismo, o Pentecostes, no qual o Espírito Santo falou pela primeira vez à humanidade. As duas atividades simbolizaram também o chamado às igrejas para continuarem a busca por um novo céu e uma nova terra, e a trabalhar pela justiça e integridade da criação.

## "CELEBRANDO DEUS COM O PLANETA TERRA"

Cerca de 500 mil pessoas — segundo estimativa dos organizadores — participaram dia 5 de junho de uma passeata, seguida de grande concentração evangélica, no Rio de Janeiro. Foi a manifestação "Celebrando Deus com o Planeta Terra", que contou com a participação de diversas igrejas evangélicas e do pentecostalismo autônomo, entre outras.

Lado a lado, líderes e integrantes das Igrejas Metodista, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Presbiteriana etc. se reuniram para "louvar a Deus pela obra da criação", conforme anunciaram os dirigentes.

Na direção do evento, que foi realizado a propósito da Eco-92, alternaram grandes estrelas do cenário evangélico, como os pastores Caio Fábio D'Araújo Filho (presidente da Associação Evangélica Brasileira) e Nilson Fanini. A manifestação foi encerrada com uma oração pelo "bispo" Edir Macedo, que abençoou todo o povo presente.

A Assembléia discutiu e decidiu sobre questões como: readmissão dos afastados pelos cismas (Mileto, Novaciano); eleição e ordenação de presbíteros e de bispos; precedência das sedes episcopais; etc. Porém a grande questão foi a controvérsia ariana. Ário não participou das decisões (não era bispo), mas teve em Eusébio de Nicomédia o grande defensor de suas idéias. Este até achava que com a sua exposição tudo ficaria simples, mas foi interrompido aos gritos de heresia, anátema e outros. Na oposição estava Alexandre com o apoio de um diácono que se tornaria célebre, Atanásio.

O Concílio (de 20 de maio a 25 de agosto) acabou por produzir uma *Declaração de Fé*, o *Credo Niceno-Constantinopolitano*, o qual com expressões como: "gerado não feito"; "Deus de Deus; Luz de Luz; Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus"; "consustancial com o Pai" fechou a questão. O Credo Niceno é aceito hoje pela grande maioria das igrejas cristãs. A versão latina recebeu um acréscimo, que os orientais não acolheram, à expressão sobre o

Espírito Santo. Ficou assim: "procedente do Pai e do Filho". Esse acréscimo foi imposto, com o apoio de alguns bispos, pelo imperador Carlos Magno (800).

Os arianos foram depostos e o imperador os expulsou da cidade. A expulsão foi o dado negativo de Nicéia, porque marcou a intervenção do Estado sobre a Igreja.

ÁRIO  
Deus

PAI

Criaturas

VERBO

MUNDO

ALEXANDRE  
Deus

PAI

VERBO

Criaturas

MUNDO



Ervino Schmidt, pastor luterano e atual secretário-executivo do Conic, avaliou positivamente o Encontro Ecumênico Eco-92. Ele espera que as conclusões possam contribuir "de maneira efetiva para o engajamento das comunidades na defesa da vida, incluindo toda a criação de Deus".

Os participantes redigiram um documento que será dirigido às igrejas de todo o mundo. Na "Carta às Igrejas", os delegados reconhecem que a tarefa cristã não tem sido cumprida. "Não demos ouvido aos clamores dos povos indígenas, que nos disseram durante séculos que a modernidade iria sujar seu próprio ninho e devorar seus próprios filhos", destaca a nota. Ao mesmo tempo, proclama que há esperança, pois "nosso Deus é o Deus da vida, e o poder do Espírito permeia todas as coisas".

Se as conferências ocuparam grande parte do tempo do Encontro, houve espaço também para eventos culturais e contato com as pessoas que vivem na Baixada Fluminense. Além da recepção calorosa que comunidades cristãs ofereceram aos delegados na catedral católica de Nova Iguaçu, houve momentos de intercâmbio de experiências, nos quais os visitantes puderam conhecer comunidades católicas e metodistas e os trabalhos desenvolvidos por elas naquela região.

Paulo Roberto Salles Garcia é jornalista, metodista e editor-assistente do Jornal Contexto Pastoral.

# PENA DE VIDA

## Manifesto da Associação Evangélica Brasileira — AEVB

**N**ós, membros da Associação Evangélica Brasileira — AEVB, vimos a público manifestar nossa produção quanto à proposta de emenda constitucional Nº1-A na Câmara dos Deputados, de autoria do Deputado Federal pelo PDS, senhor Amaral Neto.

### Introdução

Pretende o citado Deputado, que se altere o inciso XLVII do art. 5º da Constituição Federal vigente, que compõe o capítulo das garantias individuais, pelo qual "não haverá pena de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do artigo 84, XIX". A proposta se assenta em dois artigos principais: o primeiro propõe que aquele dispositivo constitucional admita a pena capital também "nos casos de roubo, seqüestro e estupro seguidos de morte" e o segundo sugere um plebiscito nacional sobre o assunto, como forma de auscultar a nação sobre tão grave tema.

### Um pouco mais sobre a questão

A pena máxima já existiu no país até o ano de 1855, quando foi abolida na seqüência de vários erros jurídicos. Ela vigora ainda nos Estados Unidos, no Irã, na África do Sul e na China, onde os erros judiciários alcançam a média percentual de 30%, conforme recente documento da Anistia Internacional.

A argumentação a favor da pena concentra o seu ponto focal no entendimento de que promete vida, ao livrar muitos cidadãos de um elemento irrecuperavelmente doente e compulsivamente predisposto a crimes hediondos. Sobre direitos humanos, prefere pensar no das vítimas.

Tecnicamente, argumenta-se que o Projeto estaria mal formulado, permitindo a interpretação de que, aprovado o art. 1º — que modifica a Constituição no sentido de permitir a pena máxima, o 2º, — prevê o plebiscito — perde a razão de ser, constituindo essa ordem um ardil.

### Análise do método

Entendemos que existem, de fato, situações de extrema violência em nosso país, em que indivíduos se mostram incontroláveis diante da oportunidade de praticarem atos contra o seu semelhante, despertando reações muito fortes e naturais, primeiro nas vítimas e depois em todos aqueles que reprovam. Tais reações, mais emocionais que racionais, têm por vezes levado a ações coletivas de vingança pelo uso do linchamento. No entanto, a bem da razão, é necessário perguntar se a morte de tais indivíduos livra a sociedade do seu problema. A resposta que nos ocorre é, em todos os aspectos, negativa. Isso porque não terão sido eliminadas as causas do problema da violência no Brasil.

Cabe, então, a nosso ver, antes de se pensar em endurecer a lei, verificar sua exeqüibilidade. Cabe buscar as verdadeiras causas da crescente criminalidade no país. Cabe ter olhos para ver o desvio, o delito onde ele se encontra e se dá, e não apenas nos casos em que algumas classes privilegiadas são afetadas. Isso quer dizer que, como cristão, precisamos livrar-nos das muitas medidas, e considerar alvo de indignação tanto o roubo do trombadinha quanto o assalto ao banco ou ainda a não correção salarial do aposentado. O crime de colarinho branco não é menos danoso ou vergonhoso que o assalto com estupro e morte, apenas porque não afeta o turismo ou porque não ameaça a vida da filha do rico. Ele mata tanto ou mais inocentes, privando-os de direitos, de recursos, da justiça. Tudo isso tem que ser, igualmente, execrado como infame!

O cristão tem fome e sede de justiça, e não de sangue.

"Eu vim para que tenhais vida, e vida em abundância". João 10:10

Aliás, repetindo uma frase da OAB, "de que adiantam leis se não há justiça?" Nessas circunstâncias, é sempre o mesmo tipo de crime a ser punido: o do pequeno, inculto, pobre, impensado, esmagado, marginalizado, sem sindicato!

Por isso, a AEVB entende que não se trata, sequer, de discutir a validade ou não da pena de morte no Brasil. A discussão é inoportuna e pode esperar. Ainda vivemos numa sociedade de privilégios, de desigualdades imensas, de natureza econômica, de acesso a escolas, a patamares mínimos de saúde, a atendimento ambulatorial, para não dizer médico, de acesso à justiça, à moradia, à facilidade de tecnologia e do desenvolvimento, ao prato de comida. Somos uma sociedade que ainda brutaliza e larga suas crianças, abandona os velhos ao deus-dará, discrimina suas mulheres, ensina a violência, o estupro, o desvio sexual pela televisão em doses maciças e adocicadas em horários em que a maioria de nossas crianças estão assistindo, indefesas. Somos uma sociedade que ainda dá ganho de causa aos coronéis, estimulando e exacerbando a síndrome de Robin Hood; que convive com o jogo desenfreado, com o tráfico de drogas a montar estruturas e aparatos onde o Estado não chega; que ainda acoberta com panos rotos escândalos e falcatruas de conhecimento público, contra os quais nada pode o cidadão comum. Somos uma sociedade de espertos, que se esgueira pelo chuveirinho da piscina para não se molhar, e que fura a fila compulsivamente.

### Conclusão

Somos uma sociedade que, analisada pelo prisma do Dep. Amaral Neto, mereceria pena de morte!

Mas a AEVB insiste na esperança. Somos uma sociedade como outra qualquer; desesperadamente carente da compaixão de Deus e de nova oportunidade, se tão-somente elevarmos nossos olhos para o céu, em busca de perdão, restauração, de vida. Cada cidadão, do garoto da favela ao executivo, representa imenso potencial, para o bem ou para o mal. Que seja, pela vontade e influência da grande maioria, com Cristo, para o bem.

Propomos a pena de vida para o Brasil: (1) que se busque, a todo custo, em todos os níveis da justiça, a certeza da punição, para todas as condições sociais e funcionais; (2) que se encontre, ainda que a duras penas, solução para as aberrações de natureza econômico-sociais que vitimam a grande massa de assalariados, subempregados, moradores das periferias urbanas, crianças, mães-solteiras, deficientes, etc. e (3) que se reformule o sistema penitenciário, no sentido de evitar a superlotação das cadeias e o ócio improdutivo dentro delas, com a implantação de novos sistemas, agrícolas e urbanos, que prevejam o trabalho produtivo e rentável, fonte de sanidade física, mental e reabilitação. Entendemos que condenada a essa pena, a sociedade brasileira não precisará cogitar de executar seus filhos. E os mesmos parlamentares que hoje decidem sobre a morte, são conclamados a se mobilizar pela vida.

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1992

*Caio Fábio*

Rev. Caio Fábio D'Araújo Filho

Presidente

*Rubem Martins Amorese*

Rubem Martins Amorese

Secretário de Ética